

SOBRADINHO: TERRITÓRIOS DE PESCA E LUTA EM TERRA E ÁGUA

SOBRADINHO: FISHING AND FIGHTING TERRITORIES ON LAND AND WATER

SOBRADINHO: TERRITORIOS DE PESCA Y LUCHA EN TIERRA Y AGUA

SILVA, Edcarlos Mendes da

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise da formação histórica dos povos ribeirinhos do Baixo-Médio São Francisco, com ênfase nos aspectos relacionados à pesca, desde a ancestralidade indígena até a configuração sócio-espacial encontrada pela CHESF nos anos 1970, quando se iniciaram as obras da construção da Barragem de Sobradinho, que originou o lago homônimo, e alterou completamente a relação dos beradeiros com as águas. Delineia-se também aspectos relevantes do processo de mudança por ocasião do surgimento do Lago, e como os pescadores se adaptaram à nova realidade, modificando seu ofício para subsistir. Traça-se ainda um breve panorama da realidade mais recente da pesca em Remanso, apontando os principais desafios para a categoria.

Palavras-Chave: Pescadores. Sobradinho. Remanso. Pesca.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the historical formation of the riverside peoples of the Lower-Middle São Francisco, with emphasis on aspects related to fishing, from the indigenous ancestry to the socio-spatial configuration found by CHESF in the 1970s, when the works of the construction of the Sobradinho Dam, which created the homonymous lake, and completely changed the relationship between the beradeiros and the waters. It also outlines relevant aspects of the process of change due to the appearance of the Lake, and how fishermen adapted to the new reality, modifying their craft to survive. There is also a brief overview of the most recent reality of fishing in Remanso, pointing out the main challenges for the category.

Keywords: Fishermen. Sobradinho. Remanso. Fishing.

RESUMEN

El presente trabajo presenta un análisis de la formación histórica de los pueblos ribereños del São Francisco Bajo-Medio, con énfasis en aspectos relacionados con la pesca, desde la ascendencia indígena hasta la configuración socioespacial encontrada por la CHESF en la década de 1970, cuando los trabajos de la construcción de la presa de Sobradinho, que dio origen al lago homónimo, y cambió por completo la relación entre los beradeiros y las aguas. También se describen aspectos relevantes del proceso de cambio debido a la aparición del Lago, y cómo los pescadores se adaptaron a la nueva realidad, modificando su oficio para sobrevivir. También se hace un breve repaso de la realidad más reciente de la pesca en Remanso, señalando los principales desafíos para la categoría.

Palabras Clave: Pescadores. Sobradinho. Remanso. Pesca.

INTRODUÇÃO

A pesca, como atividade inerente a comunidades humanas com acesso a água e peixe, no Baixo-Médio São Francisco, remonta às mais antigas populações indígenas que lá se estabeleceram e constituíram um modo de vida baseado nos saberes da lide com a terra e a água. Contudo, toda a dinâmica dos antigos sistemas de

interação natural se altera com a chegada dos sucessivos grupos de exploradores à região, no processo da ocupação operada pelo Estado e por empresários aventureiros, cuja presença proporcionalmente apaga pessoas, conhecimentos e cultura material.

Posteriormente, com vários núcleos populacionais estabelecidos, a prática da pesca incorporou técnicas indígenas aos saberes dos colonos que se estabeleceram na região, gerando uma prática baseada em artefatos simples, em sua maioria produzidos pelos próprios pescadores, e a compreensão das águas e do pescado a partir do antigo empirismo passado de geração em geração.

Nos primeiros tempos da ocupação do Baixo-Médio sanfranciscano, a configuração impôs aos colonizadores tanto o isolamento quando a relação intensa com o rio, que se tornou o centro do modo de vida. Sua configuração, entretanto, apresentava uma paisagem bem diferente da atual, como registrou o engenheiro Henrique Halfeld, em expedição científica pela região, entre 1852 e 1854, produzindo uma minuciosa descrição do Rio São Francisco, de Pirapora até a foz. Halfeld produziu um interessante Atlas do Rio São Francisco, onde se pode notar a interface do rio em Remanso e entorno, como demonstra a Figura 1.

Figura 1: Detalhe do Atlas Halfeld



Fonte: HALFELD, 1860, p.17

O trabalho de Halfeld trazia também uma descrição do então arraial

O Arraial de Remanso, que tornou-se vila em 1857, é bastante animado, e o mais significativo [...] Remanso possuía, nesta época, 227 casas com 4.400 habitantes no arraial. Além da criação de gado vacum e culturas de mandioca, arroz, feijão e abóbora, praticava-se a caça e a pesca. Mas a animação de Remanso advém principalmente do comércio, cujos produtos principais eram o sal e a rapadura. Assim como em Sento Sé, a atividade comercial em Remanso justificava a condição de barqueiros, pilotos e remeiros de boa parte de sua população. (HALFELD, 1860, p. 29)

O passar do tempo consolidou a ocupação da região por parte de vários grupos humanos “de fora”, que a partir do ordenamento social e legal da época, marcado pela desigualdade, assim apropriaram-se de terras, águas e vidas, configurando uma sociedade que bem representava aquele mundo: fazendeiros latifundiários, agregados, arrendatários, meeiros, autônomos remediados, e os substratos sociais inferiores, povos da caatinga e povos das águas.

Este processo avança historicamente, passando por períodos mais agitados na primeira metade Século XX, quando a região tornou-se um centro do coronelismo, mas ao chegar aos anos 1960 já apresentava maior tranquilidade e desenvolvimento, com cidades e atividades produtivas relativamente desenvolvidas, agregando vidas, economias, cultura e relações sociais às margens do Rio São Francisco.

Como se sabe, entretanto, este cenário viria a sofrer sua maior transformação ao longo dos anos 1970, quando a criação do Lago de Sobradinho, subverteu completamente todas as lógicas espaciais e humanas ao submergir milhares de quilômetros quadrados, reconfigurar os sistemas ecológicos, deslocar populações inteiras e dismantelar os tradicionais modos de vida. A Barragem de Sobradinho, que originou o lago, foi construída pelo Governo Federal, no contexto da ditadura militar, a princípio para a regulação do sistema hídrico, consolidando-se posteriormente como grande geradora de energia hidrelétrica.

Neste trabalho abordaremos alguns aspectos deste processo, com ênfase nas mudanças materiais e imateriais que afetaram a pesca, pescadores e pescado no recorte do município de Remanso-BA.

É imenso o conjunto das ideias e conceitos que subsidiam o autor nesta análise, iniciada ainda na sua graduação do autor em História, e aprofundada no Mestrado em Geografia, que resultou na dissertação sobre o processo (SILVA, 2010). Às muitas possibilidades de aporte conceitual é necessário evidenciar e sublinhar os percursos de vida de pescadores que foram atingidos e prejudicados pelos movimentos de transformação impostos pelas águas de Sobradinho.

De forma abreviada, é indispensável mencionar o núcleo teórico de onde se desdobram as compreensões iniciais, principiando a contribuição de Léfèbvre (1992:27) ao distinguir elementos ou dimensões da produção do espaço: 1) prática social (espaço percebido pelos indivíduos), 2) representações do espaço (espaço concebido por cientistas, engenheiros, planejadores etc.) e 3) espaço representacional (espaço diretamente vivido pelos indivíduos).

E complementarmente, o pensamento de Milton Santos, que reside, neste caso, na ideia bidimensional de um território – apropriação do espaço – que é físico, concreto, base de produção da vida, e que possui simbolismos que lhe dão sentido. Como ele mesmo explicitou:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2002, p.10).

Neste sentido, ao mencionar as mudanças, transformações, realocações e outras metamorfoses decorrentes da inundação da área de Sobradinho, sempre há uma dupla referência, mesmo que eventualmente a semântica não dê conta de explicitar. Há um universo simbólico, subjetivo, que não termina com a submersão, porque é uma identidade em movimento, e mantém, nos novos locais de moradia – seja onde forem – a vinculação entre passado e presente. O outro aspecto, a base espacial concreta, sofre uma ruptura clara, por afogamento, e afeta de modo próprio as dimensões a ela associada. Mediando as dimensões, a territorialidade apresenta-se como ideia híbrida, uma vez que sintetiza a apropriação ou uso, que são práticas sociais mas também são noções, e o espaço, que é feito mas também refaz o indivíduo.

Pretende-se compor assim, a partir de Henri Léfèbvre e Milton Santos um núcleo conceitual de exercício geográfico de diálogo onde se possa empreender a análise dos eventos que são territoriais mas que se manifestam na dimensão temporal.

Em outro sentido, Haesbaert (2002), na obra *Territórios Alternativos*, articula a dimensão política e cultural numa sociedade que define seu território, e é por ele definida. O território de um grupo, seu chão, é sua identidade. Esta identidade territorial é desenvolvida pelos grupos sociais, mas a apropriação e ordenação do espaço são formas de domínio e disciplinação dos indivíduos.

São ainda importantes aportes à leitura aqui empreendida os trabalhos mais recentes e especificamente associados ao tema, como a delimitação estabelecida por Diegues em relação aos pescadores artesanais, inseridos no conceito de “sociedades tradicionais”, ou seja, “grupos humanos culturalmente diferenciados que

historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizadas tradicionalmente pelo manejo sustentável do meio ambiente” (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 58).

Da mesma forma, a caracterização do universo simbólico e do acervo de saberes das comunidades pescadoras, apresentado por Gonçalves (2001), Ramalho (2004), e Cardoso (2003), que ao inventariar tais conhecimentos, consignam seu valor e a atual ameaça de perda nas comunidades tradicionais.

É comum entre os autores mencionados, entre outros que abordam temáticas relacionadas à pesca, a compreensão de que a apropriação do espaço por seu uso em um modo de vida próprio, torna-o em território, a relação mais íntima do ser humano com o espaço, como enunciou Godelier, mencionado no trabalho de Diegues e Arruda:

Um elemento importante na relação entre populações tradicionais e a natureza é a noção de território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é capaz de utilizar (GODELIER, 1984 apud DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 88).

Deste modo, ensaia-se aqui uma leitura das condições objetivas da vida dos pescadores beradeiros do Baixo-Médio São Francisco, do campo e da cidade, que pela radical alteração das configurações do seu mundo tiveram a vida e suas atividades subvertidas e não alcançaram melhor futuro para suas vidas e seu ofício.

BÊRADAS, BARRANCOS E CANOAS

Havia uma intensa relação do rio São Francisco com a velha cidade de Remanso, que situada em sua margem esquerda, possibilitava aos moradores a interação diária com as águas, que eram coletadas para consumo doméstico, assim como constituíam local de banho e de pesca.

De modo especial, o porto da Velha Remanso era um ponto de convergência de grande relevância regional, uma vez que através das embarcações chegavam e saíam pessoas e mercadorias de várias regiões, consistindo ainda em um entreposto econômico que articulava o fluxo do comércio fluvial com as regiões do Piauí e Maranhão.

Todas as narrativas concordam no fato de que o porto era o centro econômico e social da cidade, que, contíguo ao Mercado Municipal, movimentava a tudo e a todos, como demonstra a Figura 2:

Figura 2: Cais da Velha Remanso



Fonte: Autoria e data desconhecidos

Uma das atividades mais visíveis nos portos ribeirinhos era a salga de peixe, que era muito apreciado pelos caatingueiros pobres e negociado em grandes quantidades para localidades mais distantes. A preparação e comércio do peixe salgado foi uma das práticas antigas que desapareceu logo depois do surgimento do Lago de Sobradinho, substituída pela venda do peixe fresco resfriado.

No campo, embora não houvesse particularidades na prática da pesca, que era geralmente atividade produtiva secundária, é fundamental compreender que a organização do espaço, baseada no exercício do poder de quem possuía as terras, determinava a estrutura social e os tipos humanos que viviam na região. Deste modo, a compreensão da figura socialmente diminuída e reprimida do pescador camponês das margens sanfranciscanas está inserida no contexto do poder latifundiário, do coronelismo e dos excessos estatais.

É possível que o poderio quase ilimitado que os latifundiários brasileiros experimentaram, na maior parte da história, tenha embasamento na instituição das capitanias hereditárias, jurisprudência para a exploração perpetrada por sucessivos grupos de dominadores, que se apresentaram sob diferentes títulos ao longo da história: capitão, sesmeiro, donatário, fazendeiro, coronel, político. O Estado, em diferentes épocas e modos, autorizou a entrada e ocupação destes grupos, servindo o aparato legal sempre ao invasor, ao qual era outorgado o poder jurídico de representá-lo.

O Rei D. João III] ordenou que se povoasse esta província, repartindo as terras por pessoas que se lhe ofereceram para as povoarem e conquistarem à custa da sua fazenda, e dando a cada um cinquenta léguas por costa com todo o seu sertão, para que eles fossem não só senhores, mas capitães delas pelo que se chamam e distinguem por capitanias.

Deu-lhes jurisdição no crime de barão e pregão, açoutes e morte, sendo o criminoso peão, e sendo nobre até dez anos de degredo [...] E ainda que os donatários são sesmeiros das suas terras e as repartem pelos moradores como querem [...] Pertencem-lhes também a vintena de todo o pescado que se pesca nos limites de suas capitanias, e todas as águas com que se moem os engenhos de açúcar, pelos quais lhes pagam a cada cem arrobas duas ou três, ou conforme se concertam os senhores dos engenhos com eles ou com seus procuradores (SALVADOR, 1624, p. 23, grifo nosso).

Deste modo, é possível perceber, desde o início, a configuração dos fundamentos que posteriormente caracterizariam a sociedade do Vale do São Francisco. Uma sociedade de vaqueiros, ou ainda, “pastores-guerreiros” como classificou a literatura, com um dinamismo próprio, atividades produtivas e relações socioeconômica específicas, além daquele modo de propriedade mencionado, que, tomados em conjunto, contribuem para as peculiaridades decisivas aos rumos que a história tomou na região.

Assim posto, a literatura nos apresenta historicamente a pesca na região como uma atividade subalterna, complementar, de pouco ganho e economicamente desinteressante, um tipo de trabalho que poderia ser feito por qualquer pessoa, mas que por isso não era socialmente valorizado, relegado como meio de vida àqueles que não tiveram outra oportunidade na vida, os “sem sorte”.

O ritmo do trabalho na região era ditado, em grande parte, pela sazonalidade das alterações no rio, mas em sua constância, variava ao longo de estações próprias. A agricultura alternava-se entre a vazante, com o rio em cheia, eventualmente, as ilhas, nos períodos intermediários, e a área de Caatinga, nos tempos de chuva. A pecuária, praticada em modo extensivo, por sua mobilidade e não demarcação de áreas, possuía uma dinâmica própria, tanto na ocupação dos espaços, como no ritmo de sua produção. A pesca, em menor escala, estava diretamente ligada às características do rio, adaptando-se conforme a local e época. As demais atividades, se não dependentes diretamente do rio, dele necessitavam para o transporte e comercialização.

A pesca era praticada pela totalidade dos beradeiros, embora raramente de modo exclusivo. A atividade não despertava interesse dos fazendeiros, que consideravam a carne bovina superior, e a atividade braçal da pesca indigna, o que dava autonomia para as empreitadas dos pobres neste ramo. Duas modalidades de pescaria são mais presentes nas narrativas, a pesca de anzol ou rede de espera, utilizando-se de uma canoa, no rio, cujo produto se destinava ao consumo e pequeno comércio do excedente, ou menos comum, rede de arrasto, praticada nas lagoas formadas pela baixa sazonal do rio.

Haviam ainda outras possibilidades de subsistência aos humildes, a obtenção de caças e lenha, por exemplo, que podiam ser vendidas ou trocadas nas embarcações, possibilitando uma ligeira variação no

cardápio. Entre uma coisa e outra, ou mesmo nos espaços de tempo que se permitiam durante a atividade, o ócio e a moleza podiam ser notados, num cochilo com a linha da pesca amarrada ao dedão do pé, na criação de versos e anedotas, na roda de pinga às margens do rio.

Por isso o ar mais alegre, irreverente, conformista do beradeiro quando comparado ao primo catingueiro da região. Não se tratando evidentemente de regra, ficou esta imagem como anedota desta figura humana local. Com o passar do tempo, e hoje de modo irrefutável, estabeleceu-se uma percepção mais ajustada à realidade da vida dos ribeirinhos, em sua diversidade, riqueza e pujança cultural.

Outro fator de instabilidade nas margens fluviais era a imprevisível dinâmica das cheias, que, embora obedecessem a uma certa sazonalidade, variavam em intensidade e duração. Este ir e vir do rio somente permitia a prática da pecuária com segurança nos períodos de baixa, coincidentes com a seca, e definidores do ritmo de mudanças – da Caatinga para a margem e os retornos – numa difícil escolha entre os dois flagelos, a seca e a instabilidade da margem.

Diante da violência e abrangência das enchentes ribeirinhas, o poeta Castro Alves registrou em verso: “Do São Francisco a soberana vaga / Léguas e léguas triunfante alaga!”. Contam os mais velhos que, a partir de novembro, esperava-se a “soberana vaga” que eventualmente podia, em apenas dois dias elevar o nível do rio em até quatro metros. A prudência recomendava então que se buscasse as Caatingas de dentro, pois era imprevisível se, e quando a enchente tornaria em inundação.

A pesca também é atividade historicamente consolidada em caráter de subsistência, e, dada a abundância de pescado, permitia a acumulação de pequeno excedente, que podia ser casualmente utilizado como moeda de troca. Além da pesca de anzol, artesanal e destinada apenas à garantia do alimento diário, praticava-se a pesca com redes de caroá, que eram tecidas manualmente pelas mulheres da comunidade, e a pesca nas lagoas, onde grande quantidade de peixe ficava preso na baixa do rio. Esta última era um momento de grande importância na vida social dos pescadores, por ser a mais rentável, e portanto, a que demandava maior organização. Primeiro porque era preciso obter uma autorização da Prefeitura, a quem pertencia o controle das lagoas de vazante, de onde se conseguia retirar, numa boa pescaria, entre 60 e 80 quilos de peixe.

A pesca era feita por arrasto, sendo necessária uma turma de homens que pudessem manusear as pesadas “tarrafas de caroá”, mais o peso da água e do peixe. Também se utilizava a botada de rede nas lagoas. Um terço do que fosse apurado pertencia ao proprietário da terra onde estava a lagoa. O restante da produção era dividido igualmente entre o grupo e o “chefe da turma”.

Após a divisão do pescado, as mulheres procediam a evisceração, a que se chamava “tratar o peixe”, e em seguida a aplicação do primeiro sal. A segunda salga, feita pelos comerciantes e atravessadores, mais a exposição do peixe ao sol, permitia que o mesmo fosse armazenado por vários dias, sendo embalado e conduzido nas barcas até Juazeiro. A dieta do beradeiro tinha no pescado sua base, utilizando-o sob as formas mais diversas, pela manhã, assado com beijú, em caldo com pirão para o almoço, e ainda poderia ser servido uma terceira vez, à noite, de modo variado. A complementação dos pratos era geralmente feita com farinha de mandioca, tapioca, feijão e arroz. Eventualmente se podia contar com uma diversidade de verduras e leguminosas. As frutas sempre foram apreciadas, e dada a proximidade do rio, era possível manter os pequenos pomares irrigados manualmente.

Como se depreende, as atividades produtivas, embora variadas, não apresentavam quantidade suficiente para, assegurada a sobrevivência, consistir fonte de renda que permitisse um padrão de vida estável. O surgimento do lago ocasionou também a quebra do modo de produção nas margens do rio e lagoas marginais, cuja sazonalidade natural de cheia e seca permitiam o aproveitamento das vazantes férteis.

O povoado Marcos era formado por duas filas de casas, à margem esquerda do rio, situada nas imediações da antiga Remanso, com a qual os habitantes mantinham constante contato, principalmente compra, venda e troca de produtos. O povoado era formado por pescadores, que também praticavam a agricultura e artesanato. Jurandir Ferreira, que nasceu no Marco Velho, explica a dinâmica produtiva entre as duas margens do rio:

Lá no Novo Marcos o pessoal sobrevivia com a pesca... só pra sobreviver... e fazer esteira pra vender... Lá o solo era muito arenoso, muito ruim, não tinha condições de produzir nada... tinha só as "croas" onde não dava pra plantar nada [...] aí tinha que atravessar pra plantar do outro lado... e também quando era seca a gente se deslocava para o outro lado do rio pra cortar capim.

Se pescava com rede, tarrafa e cacete nas lagoas [...] usavam paquetes com vela... (FERREIRA, 2021)

Uma das formas de escoar o pescado era pela venda direta a mascates que percorriam o Rio, comprando ou trocando peixe salgado por mercadorias de consumo doméstico. Os relatos dão conta de que eles eram originários de Sergipe, por isso na região eram chamados de "sergipanos". Sua atuação é muito relevante tanto pelo aspecto comercial quando pelas técnicas de navegação revolucionárias que implantaram. Dalmo Pereira Gomes, líder de pesca do Novo Marcos, que também nasceu no Marco Velho, explica melhor a técnica náutica:

[...] subindo eles usavam a vela quase solta, aí andava muito, e descendo eles soltavam o que a gente chamava "bulina", umas "tabona", dos lados e pegavam a correnteza. Iam bordeando, enviezado. A correnteza era muito forte e só conseguia assim. (GOMES, 2021)

Um antigo marujo do São Francisco – Ermi Ferrari Magalhães – apresenta relato sobre os sergipanos que segue no mesmo sentido:

Não tenho informações precisas do ano em que chegaram os primeiros sergipanos no curso médio do rio. Segundo Seu Ermi Ferrari Magalhães, o pioneiro, ou seja, quem introduziu de fato as canoas de tolda no Médio São Francisco, foi o Sr. Manoel Vieira da Rocha, que chegou a Juazeiro na primeira metade dos anos 1940 com a canoa de nome "Sergipana", que foi construída em Santa Maria da Vitória. Entre os barqueiros do Rio de Cima, houve inicialmente uma descrença geral de que tal empreendimento daria certo, pois temia-se que as corredeiras e pedras isoladas em Sobradinho – ainda não havia a barragem e o lago – e em outros trechos provocassem colisões, naufrágios etc. As embarcações sergipanas eram mais ágeis e velozes do que as barcas de figura. Daí o temor dos barqueiros do Médio São Francisco. Mas, para surpresa de todos, as canoas de tolda (que passaram a ser conhecidas como "canoas sergipanas") adaptaram-se muito bem. (NEVES, 2019)

Seu Ermi fazia aqui à inovação náutica que surgiu com um tipo específico de embarcação, as "sergipanas" (Figura 3), que se diferenciavam das tradicionais "barcas de figura" da região que usavam as chamadas velas latinas e dependiam do favorecimento do vento. As "sergipanas", de outro modo, possuíam velas quadradas e se utilizavam de traquetes e bolina que permitiam subir o rio aproveitando o vento e descer na correnteza.

Figura 3: Canoa "Sergipana"



Fonte: <https://canoadetolda.org.br/artigo/s/2019/02/11/dos-remos-aos-traquetes-as-sergipanas/>. Acesso em 12/12/2021

Esta versatilidade dinamizou a navegação e consequentemente o comércio ribeirinho. Nesse sentido, fica clara a importância destes navegadores para todas as atividades realizadas no rio, especialmente o escoamento da produção local, cujo valor ofertado na cidade de Remanso era muito inferior ao pago pelos “sergipanos”, além da possibilidade de adquirir itens nem sempre disponíveis na cidade, ou caros demais para os beradeiros, como café, arroz, tecidos, ferramentas.

No Marcos Velho, a limitação dos camponeses pescadores os impedia de possuir embarcações de melhor qualidade, como aponta Dalmo:

Nossas canoas eram diferentes de hoje: estreitas, compridas, de dois remos pra duas pessoas, porque hoje são dois remos pra uma pessoa só... eles cortavam um pau grosso, de Jatobá, e lavrava, sem emenda...tinham uma mata no seco que tinha muito pau... (GOMES, 2021)

Jânio Vieira, também antigo morador do Marcos Velho, lembra a dificuldade que os beradeiros tinham para adquirir embarcações:

As canoas eram caras, meu pai foi comprar uma e foi a safra do feijão todinha... Eram aqueles pacotes... cada família tinha uma... porque era o meio de vida.. Precisava ir pro outro lado onde estavam as roças. Quem tinha criação precisava ir buscar até capim do outro lado... (VIERA, 2021)

Desde os anos 1930, com o aperfeiçoamento tecnológico das embarcações, cresce a utilização dos transportes fluviais na região. Excetuando-se o gado, os circuitos comerciais dependiam do rio, por onde iam e vinham grande quantidade e variedade de embarcações. A imponência das barcas a vapor, como a que se vê na Figura 4, e as atividades a elas relacionadas, como escoamento da produção de peixe salgado, são parte indissociável da história e cultura sanfranciscana.

Figura 4: Antigo Vapor do São Francisco



Fonte: Autoria e data desconhecidos

Enquanto circulavam, os pequenos intermediários criavam uma extensa cadeia de comércio, que baseava-se na amizade e confiança, e chegava a prescindir o uso da moeda, tamanho o uso da troca como recurso comercial.

Percebe-se assim que um circuito estabelecido nestas bases, com estruturas produtivas claramente favoráveis aos setores privilegiados da sociedade, com limitação no acesso dos mais pobres a condições de subsistência razoáveis, não poderia ser um ambiente favorável aos pescadores camponeses, excluídos do fluxo econômico, das posições de respeito, e da própria atenção do Estado.

REDEMOINHOS

A construção da barragem de Sobradinho iniciou-se efetivamente em 1973, mas a notícia e a aceitação da grande transformação que viria chegou em momentos e modos diferentes para os grupos sociais. A constatação da sua inevitabilidade e abrangência em muitos casos veio às vésperas da inundação.

A executora, Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF, atendia a interesses próprios e alinhados com a lógica capitalista, profundamente entranhada nos governos militares da época. Não seria, portanto, esperado que naquele tempo e contexto, governo e técnicos se importassem com opiniões, anseios e necessidades dos povos ribeirinhos tradicionais, aos quais restaram perplexidade e impotência diante da força dos homens e das águas que chegaram (Figura 5).

Figura 5: Capela semi-inundada



Fonte: Foto de Luciano Andrade. Revista Veja, 4 de abril de 1979, p. 50

Constituiu-se assim, pelo exercício do poder estatal, o efêmero cenário da transformação do modo de vida daquelas comunidades, atingidas e expropriadas, sem meios efetivos para resistir e quase sem voz para protestar.

Por outro lado, o discurso oficial apresentava a obra como a chegada do progresso, do futuro, da prosperidade, uma superação para uma região atrasada e irrelevante, como pontuou Germani:

A tônica geral, o ponto comum em todas essas obras, independentemente de onde são construídas, é que são planejadas, desenvolvidas e executadas como se tudo acontecesse em um deserto, ou melhor, onde não houvesse vida alguma para se preocupar, processo algum para interromper, história alguma para respeitar. Como se tudo começasse – o processo, a vida história – com a chegada dos executores do projeto à área. E mais importante ainda, como se o projeto fosse a melhor coisa que poderia acontecer, não cabendo, portanto, dúvida ou oposição (GERMANI, 1993, p.557).

O fato é que, ao contrário de deserto, os modos de vida eram exuberantes em sua diversidade, uma vez que a configuração e a efemeridade das condições da terra, da água e do clima impunham o domínio de diferentes habilidades para a subsistência.

Com exceção dos remeiros, e barqueiros – trabalhadores assalariados altamente especializados para os padrões locais – os beradeiros, como meio de garantir a sobrevivência, associavam à prática agrícola outras atividades. Geraldino, além de cultivar pequena gleba “herdada” de seus ancestrais nos limites da fazenda de fora, era e é exímio artesão. D. Inedina, além de praticar a agricultura cativa enquanto agregada na Fazenda de Fora, produzia utensílios domésticos em madeira e fibras. Quintiliano, além de cultivar no sequeiro e na vazante – como disse com orgulho, reafirmando sua condição de beradeiro liberto – era marceneiro, chegando, inclusive, a trabalhar na Nova Sento Sé, pouco antes da submersão total da velha cidade. O pai de Berneval, além de agricultor e pescador, explorava uma pequena barca, fazendo a travessia entre Bem-Bom e os povoados beradeiros das duas margens do rio, especialmente Sento Sé. Outros tantos somavam à condição de agricultores a

de pequenos comerciantes, criadores ou barqueiros amadores. Nas chamadas comunidades tradicionais, a especialização não é fator de valorização e todos se orgulham de —tudo saber fazer um pouco (ESTRELA, 2004:65).

A simbiose entre o beradeiro e o Rio São Francisco é tão profunda, que, do ponto de vista do outsider, é alienante e limitante, caso de Eunápio Peltier de Queiroz, engenheiro chefe da implantação de Sobradinho e realocização das populações, cuja impressão foi exposta em uma carta de 1972, dirigida à Presidência da ELETROBRÁS:

[...] é o homem altamente condicionado ao rio que tudo lhe dá. Vive isolado e auto-suficiente.

Analfabeto, sem usufruir qualquer benefício das comunicações de massa, seus contatos humanos restritos ao seu próprio nível, com os vizinhos e nas feiras, sua mentalidade não pode evoluir, conservando-se primitivo, sem poder aquisitivo, sem aspirações, conformado e dominado pelo pavor do desconhecido.

Assim, agarra-se ao rio, que lhe assegura a sobrevivência e às crenças, que o confortam. Além de tudo, com justa razão, profundamente sentimental para com seu rio, por afeição — O VELHO CHICO. Socialmente, é, pois, um ser desvinculado, cultural e economicamente do resto do país (CEEIVASF apud ESTRELA, 2004:47).

As ideias de Eunápio Peltier, emitidas a priori, possuem grande coerência com posturas tomadas por ele ao longo do trabalho em Sobradinho. Mas seu registro demonstra uma construção ideológica, a partir da comparação do ser social moderno idealizado por uma geração de pensadores. Aquele ser ideal, urbano, polido, socializado, integrado aos circuitos considerados modernos, é subentendido na comparação de Eunápio com o beradeiro, que o antagoniza. Uma personagem fictícia é utilizada para criar uma imagem depreciativa também imaginária de um grupo cujos saberes estavam além do interesse daqueles técnicos. Como apontou Ely Estrela, é uma construção sem suporte na realidade da vida social, construída por contraposição a partir de elementos supostamente negativos escolhidos.

Não por acaso, esta concepção, pensamento daquele que capitaneou o processo de expulsão das comunidades ribeirinhas das suas terras, revela a limitação de uma análise alienada, que resultaria no tratamento que foi dado aos cidadãos da região.

Na outra extremidade, se os moradores das cidades ribeirinhas revelam terem recebido atordoados a notícia da Barragem, imagine-se quão desorientados ficaram os camponeses e pescadores menos informados e respeitados. E como seria improvável algum tipo de articulação de classe que resistisse aos excessos que viriam. Um antigo pescador, pouco tempo depois, assim avaliou:

[...] estamos também convencidos de que se nós, trabalhadores rurais tivéssemos tido condições de falar, modificando alguma coisa, naquilo que dizia respeito dos nossos interesses antes e durante a construção dessa barragem não estaríamos na situação de miséria em que estamos hoje[...]. Antigamente, nós éramos independentes, livres, tínhamos casa, roça, criatório. Hoje, para sobrevivermos, temos que deixar nossas roças, pois não temos condições de fazer as mesmas e, para sustentar nossos filhos, somos forçados a ir pescar na beira do rio, vender a nossa mão de obra a qualquer preço, comprar fiado nos armazéns, sem saber como vamos pagar[...]. Nos achando assim, numa situação de desespero e insegurança. Nós pertencentes à Classe dos Trabalhadores Rurais da região, corremos o risco de desaparecer, uma vez que seremos pescadores, mão de obra barata e mendigos (BOLETIM CAMINHAR JUNTOS, n. 32, junho/1979).

A violência da perda da base de vida e do universo simbólico foi levada ainda mais adiante com os tratamentos dados aos moradores, na desvalorização de suas terras e benfeitorias, nas ameaças e insinuações, na insensibilidade de prepostos protegidos por uma cultura de aspereza condizente com a ditadura militar que dava suporte à operação.

AFOGADO MUNDO NOVO

Em julho de 1979, a Barragem de Sobradinho foi formalmente inaugurada. Já estava criado um dos maiores lagos artificiais do mundo, e a vida na região jamais seria como anteriormente.

Desde o início, configuraram-se os grandes problemas da vida ribeirinha pós-Sobradinho. Foi preciso então aprender a viver e produzir sob novas condições.

As ilhas antigas desapareceram e surgiram outras. A navegação teve que ser repensada. A dinâmica das águas foi alterada. A enorme quantidade de material orgânico no reservatório trouxe poluição nos primeiros meses. O vento foi alterado.

O regime dos peixes não era o mesmo de antes. A sazonalidade da vazante obedecia agora à vontade dos operadores da barragem.

As terras do entorno do lago, então valorizadas, tornam-se objeto de inúmeros conflitos, dentro e fora da justiça. Fazendeiros multiplicaram seu patrimônio invadindo áreas de vazante ou borda, na expectativa de obter financiamento público para plantio por irrigação.

Pequenos colonos disputavam a ocupação provisória dos baixios para plantio de vazante na baixa do lago. Há registro de vários incidentes e mortes originados nestas demandas.

Algumas modificações no ecossistema local provocaram grandes transtornos às populações da região, imediatamente após o surgimento do lago artificial.

Inicialmente, a impossibilidade de limpeza da área do reservatório fez com que a vegetação, uma vez submersa, apodrecesse, gerando uma enorme quantidade de biomassa que afetou principalmente a pesca, mas também a própria qualidade da água.

Diante da carência de estudos empíricos e dados que atestem a degradação ambiental decorrente da construção da Barragem, parte-se do senso comum e da observação, colhidos na intuição daqueles que lidavam diretamente com a natureza: pescadores e catingueiros. A fantástica transformação de um rio estreito num reservatório de grandes proporções alterou o regime das águas, que antes eram areadas e rápidas, agora lentas ou estanques, com maior decantação; novas configurações de calha, nova composição, tudo isso diretamente ligado à vida dos peixes, suas rotinas e mesmo as relações entre espécies ou proliferação de novas espécies, observando-se ainda em anos mais recentes a implantação de peixes oriundos de outras regiões, como Tilápia, Tucunaré, Tambaqui, que impõem novas dinâmicas entre espécies e novas demandas na atividade pesqueira.

A comunidade do Marcos Velho foi removida para uma área a 18 km da borda do rio. Os moradores não receberam novas residências, mas uma pequena quantia em dinheiro a que os prepostos da CHESF chamavam de “ajuda”, que era insuficiente até para a compra dos blocos para construção de uma casa. As primeiras casas, de taipa, e a impossibilidade de obter alimento do rio, revelam o empobrecimento daquela população. Seu Dalmo se emociona ao tocar no assunto:

[...] eu não tava nem querendo lembrar isso... é a pior coisa... A gente já tava acostumado lá, chegou aqui, ninguém sabia o que fazer. Aí a gente ia a pé pra beira do rio pra pescar lá. Quando eu cheguei aqui, com uns 3 ou 4 dias, eu disse: nós vamos é morrer aqui... só tinha macambira... e até hoje a gente tem que ir lá pra pescar... eu cheguei a ficar até 60 dias nas águas... e uma hora dessas, quando a gente tava nas águas e ia jantar um peixe frito, a conversa da gente era uma só, botar os filhos pra estudar pra sair dessa vida... (GOMES, 2021)

Estabeleceu-se então um duplo movimento, enquanto pescadores tradicionais eram afastados de seus locais de pesca e passaram a encarar os desafios da nova maneira de navegar e pescar, centenas de pescadores profissionais chegavam à região para explorar o gigantesco potencial do novo reservatório. Na transição de uma atividade produtiva artesanal e incipiente para uma empreitada comercial moderna, mecanizada, empresarial, em larga escala e voltada para mercados externos, os pescadores tradicionais ficaram à margem, pela falta de capital para exercer o antigo ofício num meio completamente alterado. Os novos regimes de água e vento, como as alterações nas profundidades, e no próprio perfil do pescado, exigiram novos saberes e instrumentos. Roberto Malvezzi denunciou:

Quando a barragem foi fechada, aconteceu o “milagre dos peixes”. O lago chegou a produzir 40.000 toneladas/ano. O milagre atraiu milhares de pescadores de todo o Nordeste, além da população relocada pela barragem, que insistiu em permanecer na borda do lago. A pesca foi farta, indiscriminada e predatória. O governo estadual investiu na infra-estrutura de comercialização (terminais pesqueiros, barcos de coleta) mas não montou uma disciplina eficiente que normalizasse a pesca. Em poucos anos, a produção caiu drasticamente, devido também ao esvaziamento do lago em função da seca (MALVEZZI, 1995, p.77).

No pior momento, em 1987, foram contabilizadas apenas 3.000 toneladas de pescado. Já no ano seguinte, o ritmo das águas é retomado, e, com um maior controle por parte do IBAMA, somado à ação do Conselho Pastoral dos Pescadores, e a articulação das Colônias de Pescadores, a produtividade é aumentada, atingindo-se 7.000 toneladas.

Os novos problemas, contudo, se faziam notar com intensidade. A falta de preparo e apetrechos adequados às novas águas atingem principalmente aos mais pobres. Tais consequências já foram apontadas por vários estudos, inclusive do setor público:

Também aqueles que viviam da pesca se defrontaram com dificuldades advindas das novas condições: desaparecimento das espécies conhecidas de peixes e inadequação de seus equipamentos e técnicas para a prática da atividade em lago. A pesca num lago com tamanha profundidade, impõe técnicas e equipamentos que eram desconhecidos e economicamente inacessíveis à maioria dos antigos pescadores. Dessa forma, em que pese o cuidado em povoar, ou repovoar, o lago com espécies resistentes a esse tipo de ambiente e que isso tenha conseguido aumentar a piscosidade em comparação com o ambiente fluvial anterior, os pescadores se viram, na prática, impedidos de continuar em sua atividade tradicional. Ainda, devido ao extraordinário aumento da distância entre as margens [...] também a navegação tradicional perdeu espaço (SEI, 2000:25).

Efetivamente, o pequeno pescador se tornou refém do “atravessador”, o negociante que compra o peixe para revenda em outras localidades, num esquema comercial elaborado, que exige razoável investimento, sendo, portanto, acessível somente para poucos, os mesmos que amealham a maior parte do lucro. Entre estes, há ainda os donos de embarcações, que possuem todo o equipamento de pesca, e absorvem dos pescadores apenas a mão-de-obra, reduzindo seu valor, tornando-os uma categoria hoje bastante empobrecida, situação agravada pela atual escassez de pescado.

Pedro Alves da Costa (Figura 6) mais conhecido como “Pedrinho da Colônia”, é uma das mais respeitadas lideranças de pescadores da região. Com 63 anos, acompanhou a transição da prática da antiga pesca em rio para a forma como os pescadores vivem atualmente, e todo o contexto dessas transformações.

Figura 6: Pedrinho da Colônia



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado

Liderança relevante no município de Remanso, foi presidente da Colônia, Vereador e Secretário Municipal, em várias ocasiões e acumula um saber que articula o conhecimento da pescaria com a visão política mais ampla.

Seu Pedro recorda que na época da criação do Lago de Sobradinho muitas famílias encontraram na pesca uma forma de sobrevivência acessível e atraente, principalmente considerando o cenário de pobreza da época. Por outro lado, a pesca na região tornou-se também um incrível fator de atração de trabalhadores de todo o país, incrementando a população, a economia e os desafios sociais. Boa parte desses pescadores ficaram em Remanso definitivamente, e muitos se tornaram depois atravessadores e até comerciantes bem sucedidos.

Nos primeiros anos da criação do Lago, mantinha-se a prática de comercializar o peixe salgado, que era vendido a atravessadores em caminhões com destino a várias regiões do país. Somente na metade dos anos 1980 o gelo tornou-se acessível e possibilitou a venda do pescado fresco, com melhor valor comercial.

Ainda nesta época, a agência BAHIA PESCA construiu um frigorífico em Remanso, que comprava o pescado, e possuía condições de armazenamento, o que foi muito favorável por permitir ao pescador uma alternativa à venda a atravessadores, embora o preço praticado não fosse muito diferente. Os comerciantes atravessadores, por sua vez, desenvolviam estratégias para manter o controle do negócio, cativando o pescador com agrados, amizade, e empréstimos que resultavam em dívidas intermináveis.

Com a alteração na interface das águas, o espaço de pesca ampliou-se muito, requerendo dos pescadores mais tempo e dedicação, em jornadas de até 15 dias nas águas, numa atividade física excruciante, expostos ao sol escaldante, com alimentação limitada e situações de risco.

É uma vida muito dura... muito esforço físico, com o lago você fica 8, 10, 15 dias nas águas... tinha vez que quando a gente chegava no seco ficava "tropo", caindo, não sabia mais nem caminhar.

Hoje, a maioria dos pescadores são mais velhos, os filhos estudaram, esse pessoal que veio de fora botou os filhos pra estudar, a atividade não se renovou (ALVES, 2021)

A Colônia de Pescadores de Remanso foi fundada nos anos 1960 ainda na velha cidade, mas durante muito tempo não possuía muita organização, possuía poucos sócios e tinha dificuldade para atuar como movimento social relevante. Somente com as mudanças legais nos anos 1980, com a necessidade de regularização de documentos, a entidade começou a despertar mais interesse dos pescadores, conseguindo mais consistência e atuando de modo decisivo nas lutas da classe.

Ao longo dos anos, os pescadores da região já foram regulamentados pela SUDEPE, pelo IBAMA, e até pela Polícia Militar, que ao seu tempo fiscalizavam, emitiam documentos e representavam a institucionalização do ofício perante o Estado.

Somente no final dos anos 1980 os pescadores conseguiam a aposentadoria pertinente, antes disso, somente era possível aposentar-se como trabalhador rural, de modo que aqueles que não possuíam roça ficavam desamparados.

O processo de implantação do direito ao "defeso" também foi complicado. Muitos pescadores não acreditavam que haveria este direito, e como era necessário possuir carteira de registro há mais de três anos, uma parte da categoria demorou a receber este direito.

Importante destacar que essas lutas pelos direitos abrangem uma categoria onde estão diversos trabalhadores, ligados e dependentes da pesca: tecedeiras e remendadeiras de rede, geralmente mulheres, esposas e filhas de pescadores, e calafetadores de barco, por exemplo, que precisam ser reconhecidos e respeitados como parte deste conjunto, o povo das águas.

Por isso a atividade é tão importante, como meio de sustento para centenas de famílias, mantendo um ritmo de produção e comercialização ainda hoje destacado em uma região onde os mais pobres possuem poucas opções de renda.

Tem época que dá bom. Quando o rio tem uma enchente boa, é bom de peixe, depende também de ter um bom equipamento, aí pega bem. Quem vive de pesca tem que ter uma boa rede.

Todo pescador já tem seu comprador certo. O comprador tem frigorífico ou câmara fria, vai estocando pra vender. O preço ao pescador é que não ajuda. A maioria são compradores da cidade que tiram o peixe pra fora. Tem só uns dois ou três desses compradores aqui. Tem tempo que sai umas 5 ou 6 toneladas por semana. Antes a produção era muito maior. E mudaram as espécies, que hoje são reduzidas... tucunaré, piranha, curimatá... que diminui o valor pro pescador. O surubim, que é mais valorizado, quase não se acha mais. (ALVES, 2021)

A despeito de todos os avanços em técnicas e equipamentos, a pesca ainda guarda enorme semelhança com suas práticas mais primitivas, e por isso mesmo, há uma grande margem de incerteza, a que os pescadores chamam "sorte". A rentabilidade da pesca depende muito da "safra", as espécies de peixe que "está dando". E ainda está sujeita aos interesses do mercado, pois como boa parte do produto se destina a feiras, o consumidor final manifesta desejo por uma ou outra espécie, o que se reflete no seu preço em toda a cadeia produtiva. Este mercado consumidor está em cidades maiores, uma vez que estima-se que apenas 20% da produção se destine ao mercado local.

Outra conjuntura econômica que afeta diretamente aos pescadores é o preço dos equipamentos, que, sendo importados, tem os preços relacionados ao dólar, e tornam-se cada vez mais caros aos pescadores locais.

Os espaços da pesca no Lago não são completamente tranquilos. A imensa faixa de vazante, onde a água avança e recua, que são áreas da Linha Média de Enchentes Ordinárias (LMEO), pertencem a União e, legalmente não poderiam ser ocupadas, mas na prática, recebem uma imensa teia de redes de arame farpado, delimitando espaços de ocupação onde ocupantes plantam roças e criam gado. Estas cercas bloqueiam a passagem dos pescadores quando o nível do reservatório baixa, e representam muitos prejuízos porque rasgam e enroscam as redes de pesca quando se encontram.

Em um determinado momento, um fazendeiro chegou a cercar o porto principal de Remanso, ao lado do cais, onde os pescadores da cidade atracam, impossibilitando seu acesso. Os pescadores, revoltados, removeram as cercas e estabeleceu-se uma tensão na cidade. Somente se resolveu o impasse com a intervenção da Marinha, que ordenou a liberação do acesso e a proibição de cercas na área.

Esses plantios sazonais na área de vazante também representam grande ameaça ambiental. São plantações de pequenos agricultores, que cultivam principalmente feijão, cebola e melancia, variedades que requerem intensa utilização de produtos químicos agressivos. Com a pouca instrução e ausência de acompanhamento, esses agricultores utilizam fertilizantes e defensivos de maneira indiscriminada, em tipos e dosagens não raro fora da especificação. Além dos riscos à própria saúde, o solo fica extremamente contaminado, às vezes mesmo após o ciclo de cheia e baixa, ameaçando todo o tipo de vida a que tem contato, e afastando o peixe dessa faixa de terra.

Outro aspecto fundamental da espacialidade das águas da região é que há centenas de lagoas marginais, paralelas ao Lago, que recebem suas águas em tempo de cheia. Estas lagoas tem a importante função de berçário dos peixes, onde deveriam procriar e ganhar tamanho para na época certa acessar o reservatório. Isso ocorreria se houvesse uma programação de controle do nível do lago, regular e previsível.

A imprevisibilidade do lago causa grande desperdício na utilização dessas lagoas, uma vez que limita a agricultura de vazante e desordena a pesca que é praticada nas mesmas. Dalmo Gomes, antes beradeiro, agora possui uma propriedade à margem de uma dessas lagoas, onde planta e cria, mas não mais pratica a pesca (Figura 7).

Figura 7: Dalmo Gomes, ao fundo, Lagoa da Baixinha



Fonte: Foto do autor

Quanto à articulação social, os pescadores de Remanso, que historicamente dispunham da representação da Colônia Z-41, a partir de 2009 passaram a contar também com a Associação de Pescadoras e Pescadores de Remanso - APPR, entidade surgida das demandas e insatisfações de um grupo de mulheres que enfrentou uma verdadeira batalha de dificuldades e oposições para estabelecer-se formalmente, mas hoje possuem boa estrutura e com parcerias como Pastoral da Pesca, Rede de Mulheres e Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP) conseguem produzir derivados de peixe com boa aceitação no mercado e venda para a alimentação escolar através do Programa Nacional de Alimento Escolar (PNAE) desde o ano passado.

Apesar dos indícios de dificuldade dos pescadores quanto à associação, um interessante episódio no ano de 2021 revela um sentimento de defesa de classe muito interessante. A partir da metade do ano começaram a circular em redes sociais uma suposta descoberta da Bactéria de Haff em peixes do Lago, o que ocasionaria uma doença conhecida como “urina preta”. Como tem sido comum, a estória se espalhou e ganhou credibilidade, afetando dramaticamente as vendas de peixe em muitos lugares, e em Remanso representando quase a quebra do comércio pesqueiro. A resposta das categorias afetadas – uma variedade de trabalhadores ligados à cadeia produtiva pesqueira – foi interessante, consistente e inédita. Todas as entidades ligadas à pesca se uniram, foram a público e criaram uma campanha de grande abrangência, culminando em um dia de atividades e manifestação, no dia do Velho Chico, 4 de outubro, com boa repercussão social e alcançando seu objetivo de esclarecer a comunidade, de modo que em pouco tempo as ideias irreais da *fakenews* foram desconstruídas e o comércio retomou seu ritmo normal.

CONCLUSÕES

A pesca no Rio São Francisco e posteriormente no Lago de Sobradinho são atividades que se relacionam principalmente pelas gerações que as praticaram e praticam, quase as mesmas. Uma prática ancestral que teve uma reconfiguração radical, na ampliação do espaço de produção e consequentemente, do produto, mas que não trouxe enriquecimento para os pescadores. Ao contrário, a incapacidade de reprodução da profissão para as novas gerações revela uma decadência que contrasta com a prosperidade do sistema que explora a categoria.

A limitação dos pescadores a melhores condições de trabalho e produção, que os aprisiona do lado mais frágil da cadeia produtiva, por não terem melhor possibilidade de aquisição de equipamento de trabalho, parece algo coordenado por diferentes partes do mecanismo para a manutenção desse status quo também antigo.

A dificuldade de articulação da categoria como movimento de classe reduz sua presença nas lutas gerais

e específicas, e fragiliza o pescador em seus anseios como parte de um todo social. Divergências e encaminhamentos políticos fragmentam as entidades, causando redundâncias e contradições.

Um universo de vidas foram afetadas pela Barragem de Sobradinho, dos quais aqui se apresentaram recortes, podendo representar, pela ótica da prática pesqueira, um conjunto de tensões e superações entre natureza, paisagem, territórios, e principalmente, vidas. A subversão de modos de vida, com o apagamento de territórios e transformação da paisagem representou um desafio a mais para um tipo humano de vida tão difícil em todos os tempos e lugares. Mas das águas novas do Lago de Sobradinho emerge essa síntese da resiliência, da superação e da persistência. Pescadores de Rio ou de Lago, da flecha à rede, remadores dos seus próprios barcos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Pedro: Depoimento. Entrevistador: Edcarlos Mendes. Remanso-BA. (13/12/2021). Arquivo de audio digital. 72 minutos.
- BOLETIM CAMINHAR JUNTOS. [Publicação bimestral da Diocese de Juazeiro, Bahia – 1975-1983]. Números 22-32. Juazeiro-BA. 1980.
- CARDOSO, Eduardo S. **Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros**. In GEOUSP- Espaço e tempo. São Paulo. Nº 14 pp.119-125, 2003.
- DIEGUES, A. C; ARRUDA, R. S. V. **Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP: MMA, 2000.
- ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano**: A experiência dos beraderos de Sobradinho em Serra do Ramalho-BA. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fevereiro de 2004
- FERREIRA, Jurandir: Depoimento. Entrevistador: Edcarlos Mendes. Remanso-BA. (07/12/2021). Arquivo de audio digital. 45 minutos.
- GERMANI, Guiomar I. **Cuestión Agraria y Assentamiento de Población ent el Área Rural**: La nueva cara de la lucha por la tierra. Bahia, Brasil (1964-1990). Tese de Doutorado em Geografia. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1993.
- GOMES, Dalmo: Depoimento. Entrevistador: Edcarlos Mendes. Remanso-BA. (07/12/2021). Arquivo de audio digital. 87 minutos.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto; et. Al. **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: Contexto, 2002.
- HALFELD, Guilherme F. **Relatório Concernente à exploração do rio São Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico durante os annos de 1852, 1853 e 1854**. Rio de Janeiro, Typografia de Georges Bertrand, 1860.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of the space**. Oxford: Blackwell, 1992.
- MALVEZZI, Roberto. **Projeto da Linha: A experiência dos pescadores do lago de Sobradinho**. Cadernos do CEAS. Nº 158. 1995.
- NEVES, ZANONI. **Dos remos aos Traquetes: As sergipanas subiram**. In: <https://canoadetolda.org.br/artigos/2019/02/11/dos-remos-aos-traquetes-as-sergipanas/>. Acesso em 12 dez 2021.
- RAMALHO, Cristiano Wellington N. **O mundo das águas e seus laços de pertencimento**. In: Raízes. Campina Grande. Vol. 23, Nos 01 e 02. Pags 62/72. Jan-dez, 2004.
- REVISTA VEJA. **ENCHENTE INEVITÁVEL?**. São Paulo, 04 de abril de 1979, p. 50.
- SALVADOR, Frei Vicente de. **História do Brasil**. Salvador, 1624. Disponível em <http://>

www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.doselect_action=&co_obra=2148, acesso em 12/01/2010.

SANTOS, M. **Território e Dinheiro**. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Território, Territórios. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002.

SEI. **Mudanças sociodemográficas recentes**: Região Baixo Médio São Francisco. Salvador: SEI, 2000.

SILVA, Edcarlos Mendes da. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: Ganhos e Desenganos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2010.

VIEIRA, Janio: Depoimento. Entrevistador: Edcarlos Mendes. Remanso-BA. (8/12/2021). Arquivo de audio digital. 23 minutos.